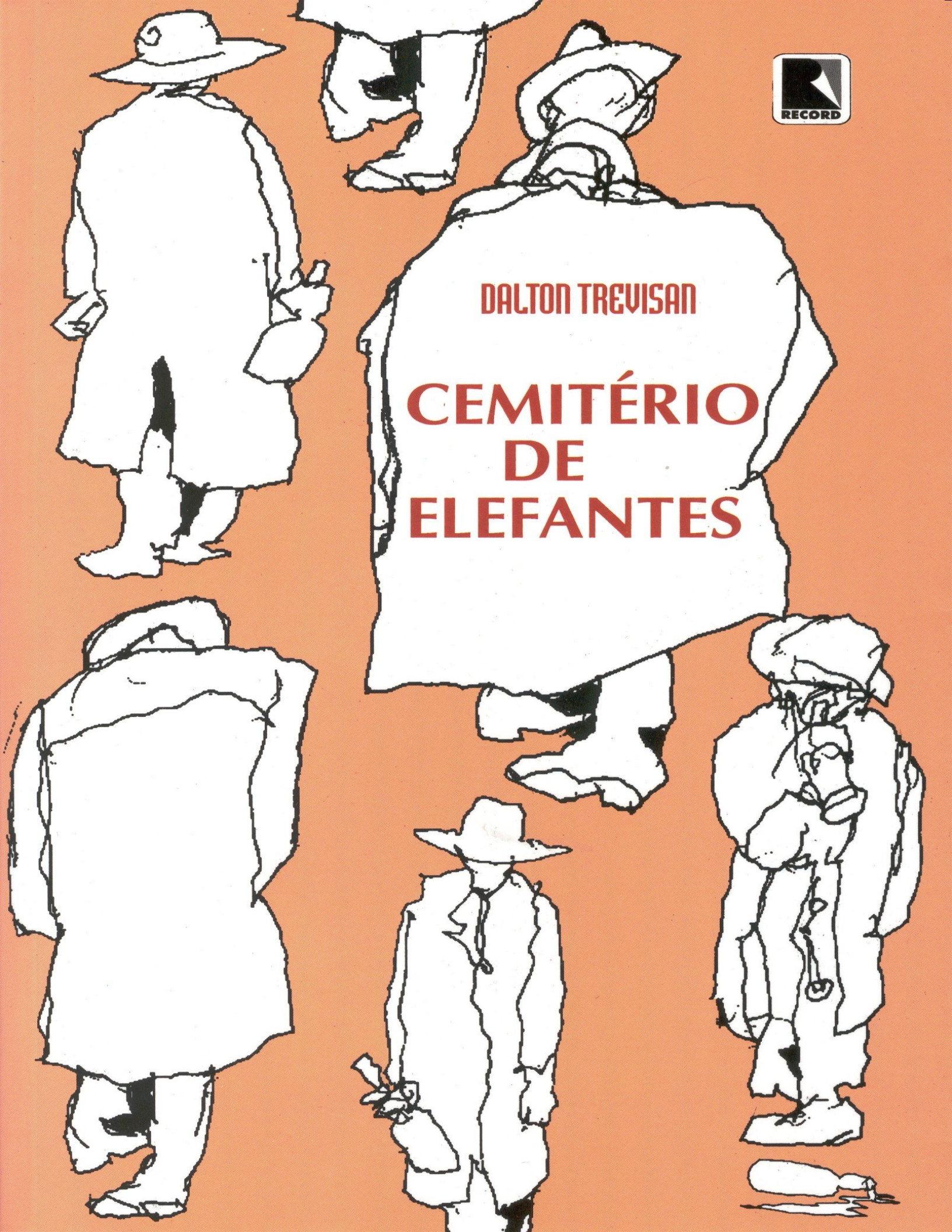
RECORD
DALTON TREVISAN
CEMITÉRIO
DE
ELEFANTES

Resumo de Cemitério De Elefantes

Bêbados em bares e parques, miseráveis e infelizes, velhos jornais dobrados nos bolsos, moças muito brancas a um passo da morte ou um passo atrás do prazer, tipos tristes, solitários, amores escondidos, ruas vazias, chuva fina.

Gordos ou magros demais, sujos e doentes, angustiados, perdidos ou querendo se perder. Assim são os personagens de Dalton Trevisan, curitibano de 76 anos que é um dos mais importantes escritores brasileiros vivos, um mestre do conto curto, seco, cortante como o vento frio de Curitiba, cenário de seus personagens.

É por suas ruas que andam, ou se arrastam, os elefantes do mercado de peixe, Dinorá, a moça do prazer, a gorda Carlota e sua filha Lili, Dorinha fraca do coração.

Personagens comuns, em histórias onde não há grandes tragédias nem sujeitos excepcionais, como diz Fausto Cunha na apresentação deste Cemitério dos Elefantes, e que recomenda ao leitor: “Não se preocupe com as histórias.

Se elas não terminarem, é porque os personagens regressaram à sua vida normal, ou Dalton não quis acompanhá-los por mais tempo. Todos eles estão vivos, a distância entre as páginas deste livro e a realidade é menor do que entre uma rua e outra.

”Cenário de suas histórias, Curitiba é também a caverna de ermitão do próprio Dalton, que estreou em 1945 com Serenata ao luar, que ele renega, assim como Sete anos de pastor, publicado no ano seguinte.

Entre 1946 e 1948, editou a revista Joaquim, que trazia artigos de intelectuais como Antônio Cândido, Mário de Andrade e Otto Maria Carpeaux, traduções de Joyce, Proust e Sartre. Em 1959 lançou Novelas nada exemplares, ganhador do Prêmio Jabuti (assim como Cemitério dos Elefantes), que o autor não foi receber, dando início ao mito do recluso que não se deixa fotografar, não sai de Curitiba, não atende ao telefone,

comunicando-se com o mundo por meio de bilhetes assinados apenas “D.

Trevis”. Fama que transformou em apelido o título de um de seus livros, O vampiro de Curitiba, e que ele alimenta, como no texto que costumava dar aos jornalistas em busca de entrevista: “O vampiro detesta as pessoas que não conhece.

Não se acha figura difícil, esbarra diariamente consigo em todas as esquinas de Curitiba. ”É autor de 34 livros, foi traduzido para o espanhol, o inglês, o holandês, o polonês, o sueco e o dinamarquês, e teve seu A guerra conjugal adaptado para o cinema por Joaquim Pedro de Andrade em 1975.

Acesse aqui a versão completa deste livro